
A **F**otografia como imagem, a **i**magem como fotografia

ANA TAÍS MARTINS PORTANOVA BARROS (ORG.)

A fotografia como imagem, a imagem como fotografia

Livro do GP Fotografia Intercom

Comitê científico

Ana Taís Martins Portanova Barros (PPGCOM/UFRGS)

José Afonso da Silva Júnior (PPGCOM/UFPE)

Paulo César Boni (PPGCOM/UEL)

Wagner Souza e Silva (PPGCOM/USP)



Organização Ana Taís Martins Portanova Barros

Revisão, projeto gráfico, diagramação e capa Anelise De Carli

Foto de capa Eduardo Queiroga

A fotografia como imagem, a imagem como fotografia
[e-book] / organizadora: Ana Taís Martins Portanova
Barros. – Porto Alegre: Imaginalis, 2019.

ISBN: 978-85-69699-05-7

1. Comunicação 2. Fotografia

I. Barros, Ana Taís Martins Portanova

CDD: 070

CDU: 69699

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografia

EDITORA  **IMAGINALIS**

1ª edição, 2019

ufrgs.br/imaginalis

Licença Creative Commons BY-NC

A **F**otografia como imagem, a **i**magem como fotografia

ANA TAÍS MARTINS PORTANOVA BARROS (ORG.)

EDITORA  **IMAGINALIS**

PORTO ALEGRE, 2019

Sumário

APRESENTAÇÃO

- CAPÍTULO 1 Olhai por nós: um ensaio teórico-fotográfico sobre a vida e a morte da imagem
- CAPÍTULO 2 Fotografia em estado latente: ‘redenção poética’ ou apenas a constatação de que aquilo que foi nunca mais será
- CAPÍTULO 3 *Maria do Carmo*: a dinâmica inacabável dos objetos infotografáveis
- CAPÍTULO 4 Uma tragédia através da vida das imagens: #mariellepresente
- CAPÍTULO 5 Fotografia rastro: invenções fotográficas sobre Cora Coralina
- CAPÍTULO 6 Traços de Sal: fotografias e histórias
- CAPÍTULO 7 *Clic o Seu Amor por Londrina*: um projeto plural de documentação fotográfica
- CAPÍTULO 8 Espessuras do olhar: percepção, corpo e memória nas grandes cidades
- CAPÍTULO 9 Fotografia, capital social e identidade em dispositivos móveis
- CAPÍTULO 10 Cordão, de inventário a fotolivro: fluxos, discursos e incompletudes
- CAPÍTULO 11 A filosofia das polaridades em Ruy Guerra: Nietzsche, Dionísio, Apolo e o conflito entre a vida e a arte
- CAPÍTULO 12 *O contracampo fotográfico*: o campo *neutro* da fotografia
- CAPÍTULO 13 Suíte Master e quarto de empregada: inventário dos espaços da desigualdade domesticada
- CAPÍTULO 14 Fotopaisagens ou Recortes do Olhar

SOBRE OS AUTORES

ÍNDICE REMISSIVO

Suíte Master e quarto de empregada: inventário dos espaços da desigualdade domesticada

JOSÉ AFONSO DA SILVA JUNIOR¹

Resumo: Relatamos pesquisa visual em desenvolvimento de caráter documental sobre a dualidade dos espaços domésticos da Suíte Master e do Quarto de Empregada como continuidade das tensões sociais e segregacionais presentes na sociedade brasileira como prolongamento da Casa Grande & Senzala. A concepção do trabalho busca tencionar relações sociais que reverberam nos arranjos desses espaços fazendo do ambiente doméstico uma caixa de ressonância das tensões encontradas em um espectro mais amplo.

Palavras-chave: Fotografia documental. Arquitetura. Trabalho doméstico. Segregação.

Pensar a fotografia documental envolve sempre assimilar as parcelas da realidade com as quais podemos elaborar a experiência visual (FREUND, 1989). Em vários sentidos, essa dependência do referente lança as bases do discurso documental (LUGON, 2010). Pressupõe dentro desse jogo, contato e acesso a realidades bem como modos de vê-la e articular feixes de sentido discursivo.

¹ Fotógrafo, professor e pesquisador de fotografia na Pós-Graduação em Comunicação da UFPE.

Ao começar o projeto Suíte Master e Quarto de Empregada, ainda em 2017, pensamos em uma experiência documental descritiva que partia de uma premissa: os locais de circulação e habitação humana refletem diretamente nos seus arranjos concepções, objetos e modos de uso, questões sociais mais amplas relacionadas com os grupos de pessoas que os atravessam. Visualmente, essa perspectiva se relaciona com trabalhos precedentes de outros fotógrafos (CASTILHO; DAVID; MOTTA, 2008; POLIDORI, 2006, BITENCOURT, 2008; CANABRAVA, 2009; KOUDELKA, 2009).

Atualmente, o projeto encontra-se em desenvolvimento, no entorno urbano da Região Metropolitana do Recife, prevendo sua expansão para outros centros urbanos. A pesquisa visa explorar e descrever a dualidade dos espaços privados da suíte e das dependências de empregada que reverberam arranjos e relações sociais contemporâneas.

A pesquisa teve início em outubro 2017, visitando um grupo reduzido, cerca de dez residências, entre casas e apartamentos, buscando um contato inicial de modo a testar hipóteses do trabalho e métodos de abordagem, adequação do equipamento, técnicas de iluminação, exposição. As imagens que estão neste texto são parte desse primeiro material e em absoluto se pretende como conclusivo ou mesmo se garante a necessária presença no mesmo nos resultados finais da pesquisa.

Em 2018 o projeto foi inscrito para pleitear uma bolsa de pesquisa visual na linguagem de fotografia, no Edital Setorial de Cultura (FUNCULTURA) do Governo do Estado Pernambuco, tendo sido contemplado para ser realizado e concluído em 2019.

Assim se busca construir sentido visual sobre a disparidade social presente nos espaços privados e segregados que reproduzem, ao seu turno, desigualdades enraizadas historicamente. É um universo enraizado de modo geral na divisão social do trabalho no Brasil e que lida o tempo todo com a ideia de invisibilidade.

FIGURA 1: “Ela é praticamente uma pessoa da casa”.² Interior. Suíte de apartamento classe média em Recife.



Foto: José Afonso da Silva Junior (2017)

² As legendas das fotografias deste texto são frases ouvidas durante a tomada das imagens, geralmente proferidas pelo proprietário.

Acessar esses espaços, por conta de pertencerem ao âmbito privado da casa, é um esforço que traz à rua e ao olhar público, o prolongamento de relações assentadas nas fissuras do processo civilizatório, os desdobramentos da escravidão. A maioria das casas e apartamentos de classe média já é concebida com o dimensionamento dessas particularidades arquitetônicas que repetem e dão sobrevida a concepções de segregação social e que adentram em determinadas faixas de casas como uma naturalização, uma repetição, um homólogo atualizado da Casa Grande & Senzala.

Por outro lado, os recentes reposicionamentos das relações de trabalho que atingem os empregados domésticos geram como externalidade a refuncionalização dos espaços classicamente planejados à destinação projetada. Por vezes o espaço não é mais habitado. Torna-se depósito, dispensa. Mas permanece como sendo um espaço de qualificação menor, invisível ao resto da casa, como que cumprindo um destino de sempre abrigar o que possui menos importância.

Ponto de partida

Recentemente, com a aprovação do novo marco das leis trabalhistas (Lei Complementar 150/2015, também conhecida como “PEC das domésticas”), a flexibilização da relação de trabalho doméstico gerou, como externalidade, o reposicionamento das funções e dos arranjos desse modo de contrato. Destarte, a figura da empregada que mora e dorme no trabalho, que permanece dia-a-dia na casa do empregador foi perdendo espaço, dando origem a novas modalidades, como por exemplo, os acordos por diária, a precarização das obrigações sociais e, claro, o rearranjo dos espaços domésticos.

FIGURA 2: “Depois dessa lei, não temos mais empregada. Só faxineira três vezes na semana”. Interior. Quarto de empregada de apartamento refuncionalizado em depósito.



Foto: José Afonso da Silva Junior (2017)

FIGURA 3: “Ela está na família há mais de 20 anos. Foi babá de todos meus filhos”.
Interior. Quarto de empregada em apartamento em Recife.



Foto: José Afonso da Silva Junior (2017)

FIGURA 4: “Ainda tem aquele quartinho lá atrás da casa? Está sendo usado?”. Interior. Quarto de empregada em casa em Recife.



Foto: José Afonso da Silva Junior (2017)

Logo após a aprovação da lei, houve uma conseqüente reorganização das rotinas de trabalho dessas pessoas por parte dos empregadores. O espaço “quarto de empregada” passa a ter sua ocupação alterada na natureza ou função prática, sendo informado visualmente de modo diferente, consoante o novo contorno de relações sociais.

Aproximando a discussão para o campo da fotografia documental, parte dos problemas precede, justamente, ao campo de intencionalidades que criam condições para a elaboração do documento. Em outras palavras, antes de se penetrar nesses lugares, eles estão impregnados de modos histórico e civilizatório de discursos sobre esse ‘outro’. O ‘outro’ aqui é quem: Empregados? Patrões? Arquitetura? A imagem que resulta disso? Ao nos depararmos com isso, a primeira lição do processo em elaboração nos é apresentada: perceber que o truque representacional envolve ter em conta que, ao invés de informar, o documento é que é informado (TAGG, 2005).

O documento visual, tem suas pretensas bases paradigmáticas. É um certo alinhamento de produção e discurso onde as técnicas do informar (pedagogizar, demonstrar, citar, provar, articular o discurso etc.) (LEDO, 1998). desembocam na elaboração e representação sobre o ‘outro’. A própria historiografia da fotografia documental, e um sem fim de precedentes desmontam essa intencionalidade, situando-as mais como dogmas iniciais, ou *paradogmas*, que revelam tanto os seus limites como se desnudam as estratégias do discurso fotográfico documental (NEWHALL, 2002). Assinalam também a fragilidade, ou impossibilidade de um regime documental formativo que foi e é atualmente, atravessado por diferentes matrizes do ‘como mostrar’. Atualmente, ao apontar a câmera para algum problema, envolve trazer questões segundo ordens políticas, econômicas, identitárias, culturais, de gênero, diversidade, migratórias, interculturais, etc.. É praticamente

inesgotável, dependendo do problema a ser abordado, do sabor discursivo alinhado ao campo metodológico com o qual se harmoniza.

Acreditamos que esse conjunto de saberes ao ser acionado para a função de registro, não age somente em busca de algo exterior, e sim que, na sua própria articulação, conforma o objeto. Portanto, mesmo descritivo, ele se impregna de uma subjetividade latente, elaborada pelo acúmulo de relações plasmadas no tempo e cristalizadas na aparência possível do presente.

Prolongamentos da senzala

Dentre o quadro mais recente das relações entre trabalhadores domésticos e empregadores no Brasil, o aumento do custo em manter de modo regular a “empregada doméstica” no modo historicamente construído foi se tornando progressivamente inviável para parcelas da classe média brasileira.

A arquitetura brasileira possui uma singularidade: o quarto ou dependência de empregada. Espaço delimitado dentro do âmbito privado, se destina a abrigar as pessoas à serviço da casa. É um ambiente tipificado. Geralmente bem menor que os demais quartos das casas ou apartamentos, é não raro sem janelas, É também um espaço separado da circulação social da casa, semi-velado, justaposto ao ambiente de serviço, no pior espaço da planta. Quente no verão, frio no inverno. Sem visibilidade social, o quarto de empregada aciona a manutenção de relações de desigualdade assentes na história do Brasil.

Entre a precarização das relações do trabalho doméstico e essa figura arquitetônica há a emergência de novos parâmetros visuais que correspondem ao arranjo social. A suíte master, este, lugar privilegiado, apresenta-se como correspondente ao âmbito das pessoas no comando, na “chefia” da operação familiar e doméstica.

FIGURA 5: “*Fulana, veja se o moço da fotografia tá precisando de algo, uma água, um suco...*” Interior. Suíte de apartamento de classe média alta em Recife.



Foto: José Afonso da Silva Junior (2017)

FIGURA 6: “*Depois da novela, ela está liberada e pode ir dormir*”. Interior. Quarto de empregada e depósito de casa classe média em Recife.



Foto: José Afonso da Silva Junior (2017)

Fotografando

Portanto, a pesquisa fotográfica objetiva uma amostra expressiva de um conflito maior, mas que gera uma resultante de possibilidades visuais apoiadas nas diferentes configurações desses espaços. A partir da representação dos espaços arquitetônico, dos objetos neles presentes e das formas de organização, há uma síntese a partir do choque entre imagens. Esse posicionamento metodológico se baseia numa percepção onde a câmera não é somente um dispositivo de captura visual. É também um método de falar sobre algo mais amplo do que está descrito na imagem, estabelecendo vínculos. Assim, a chave desta narrativa está apoiada na dialogia e no poder de questionamento inerente às fotografias, em sobremaneira, as de caráter documental.

A partir desse estágio, o presente projeto de pesquisa visual visa estabelecer a narrativa apoiada em três linhas de força mais gerais:

a) A representação visual, com intervenção mínima nos espaços a serem registrados, segundo o contexto social que orienta a sua disposição;

b) As estratégias de ocupação desses espaços segundo uma correspondência das funções que ocupam ou passam a ocupar consoante mudanças mais gerais na relação do trabalho doméstico;

c) O entendimento que a visibilidade desse problema só pode ser obtida através da fotografia, na medida em que adentra e registra esses espaços, os confronta, e estimula sua inata capacidade de provocar reflexão sobre o que é representado.

FIGURA 7: “Vou trocar minhas panelas, pois estão soltando aquele produto que faz mal (teflon). Vou dar as usadas para a minha empregada”. Interior. Suíte de apartamento de classe média alta em Recife.



Foto: José Afonso da Silva Junior (2017)

Encaminhamentos

No momento em que este texto é escrito, torna-se mais claro, que pendemos para uma estratégia do inventário como modelo de atravessar certa realidade, atando semelhanças e diferenças. Num sentido posterior, compreendemos a dualidade segregacional com a qual lidamos pode ser percebida em escalas menores, a dos objetos e adereços que povoam esses espaços; bem como em maiores, ao se sair do ambiente da casa.

Flutuar entre esses dois pólos e as variações possíveis envolve esforços nem sempre visíveis no trabalho final. Rastrear, selecionar, registrar, nomear, classificar e apresentar constituem uma estrutura dialógica que opera na relação entre fotógrafo e fotografado. Destarte, O objetivo não poderá ser visto de modo isolado. O sentido é mais dispor imagens problematizantes do presente, questionando as transformações cíclicas de espaços em lugares e seu esvaziamento, refuncionalização, ressignificação.

O método da produção de inventários segundo uma certa “epistemologia do arquivo” (SOULAGES, 2010) propõe a continuidade de inventariar como protocolo de criação através da montagem de imagens que se acumulam e se inter-relacionam. Cada fotografia conclusa demanda outra, complementa a anterior, é premonitória da seguinte e interdependente ao mesmo tempo.

Referências

- BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- FREUND, Gisele. *Fotografia e sociedade*. Veja editorial. Lisboa, 1989.
- LEDO, Margarita. *Documentalismo Fotográfico*. Madrid. Catedra: 1998.

LOMBARDI, Kátia Hallak. *Documentário imaginário: novas potencialidades na fotografia documental contemporânea*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

LUGON, Olivier. *El estilo documental*. De August Sander a Walker Evans 1920-1945. Salamanca: Ediciones de la Universidad de Salamanca, 2010.

NEWHALL, Beaumont. *Documentary Approach to Photography*. Parnassus, vol. 10, n. 3, mar. 1938, p. 2-6.

NEWHALL, Beaumont. *Historia de la fotografía*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

SOULAGES, François. *Estética da fotografia: perda e permanência*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

TAGG, John. *El peso de la representación: ensayos sobre fotografías e historias*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

TAGG, John. *The disciplinary frame: photographic truths and the capture of meaning*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

Referencial prático

BITENCOURT, Júlio. *Numa janela do edifício Prestes Maia*. São Paulo: DBA, 2008.

CANNABRAVA, Iatã. *Uma outra cidade*. São Paulo: imprensa Oficial do Estado, 2009.

CASTILHO, João; DAVID, Pedro; MOTTA, Pedro. *Paisagem Submersa*. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

COLETIVO GARAPA, *Mulheres centrais*. São Paulo: Frida Produção e serviços culturais, 2012.

KOUDELKA, Josef. *Exiles*. New York: Aperture, 2014.

RIO BRANCO, Miguel. *Nada levarei quando morrer*. São Paulo: MASP, 2017.

VASCONCELOS, Márcio. *Visões de um poema sujo*. São Paulo: Vento Leste Editora, 2016.

LOPEZ, Alonso; FRANÇA, Elisabete; PRADO COSTA, Keila. *Cortiços a experiência de São Paulo*. Prefeitura de São Paulo, 2010.

POLIDORI, Robert. *Fotografias*. São Paulo. Instituto Moreira Salles, 2006.